ADÃO VENTURA
AS MUSCULATURAS DO ARCO DO TRIUNFO
AS MUSCULATURAS DO ARCO DO TRIUNFO
ADÃO VENTURA
EDITORA
COMUNICAÇÃO

A poesia brasileira nos últimos vinte anos esteve tresmalhada em sesmarias onde não faltaram os títulos e brazões de família. A herança do Modernismo começou a ser amealhada e malbaratada pela Geração 45 e logo disputada pelo Concretismo. Daí surgiram outros clãs :Neoconcretismo, Praxis, Tendência, Processo, além de eventos como Violão de Rua e o Tropicalismo. Todo poeta jovem que surgia nesse período tinha que pertencer a uma dessas tribos de israel quando não fosse um descendente da dinastia de um Drummond ou de João Cabral de Melo Neto.
Nesse quadro se configurava aquilo que já chamei de luta pelo poder (literário).

Dando de mão os malabarismos semióticos que se inscrevem no vanguardismo e não se preocupando com uma poesia de fundo conscientemente social Adão Ventura, desde Abrir-se um Abutre ou Mesmo Depois de Deduzir dele o Azul (1970), parece ser um caso à parte em relação à poesia que se fez em Minas, principalmente nos últimos dez anos. Tanto no seu primeiro livro quanto neste Musculaturas do Arco do Triunfo transcorre um texto sem estranhamentos maiores optando por uma linhagem apenas surrealista e simbolista de poesia em prosa.

Nesse sentido, o primeiro impulso vicioso da crítica é aproximá-lo da ascendência místico-erótica que mais recentemente passa por Jorge de Lima e Murilo Mendes, mas que, na verdade, vem de uma fonte bíblica e apocalíptica explorada por pequenos e grandes poetas em tempos e espaços diversos. É assim que essa inusitada personagem Hagbe, tanto se assemelha à Miracéli de Jorge de Lima quanto ao Willy Mompou do pouco conhecido Deolindo Tavares, poeta morto ainda jovem que Fausto Cunha tentou recuperar.

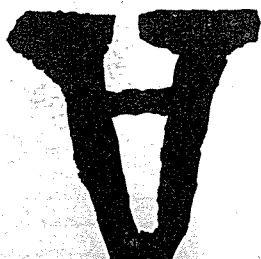
Essa poesia em prosa ligada ao mágico, ao primitivo e ao inconsciente, privilegia de certa maneira o chamado

AS MUSCULATURAS DO ARCO DO TRIUNFO

Editor:
André Carvalho

Direitos da presente edição reservados à

Rua Galba Veloso, 305
Belo Horizonte — Minas Gerais
Tel. 224-9531

Aceitamos pedidos pelo Reembolso Postal

ADÃO VENTURA

AS MUSCULATURAS DO ARCO DO TRIUNFO

(PRÊMIO CIDADE DE BELO HORIZONTE)
1972.

Do autor:

ABRIR-SE UM ABUTRE

OU MESMO DEPOIS DE

DEDUZIR DELE O AZUL

PARA:

ELIZABETH CARVALHO GUIMARÃES

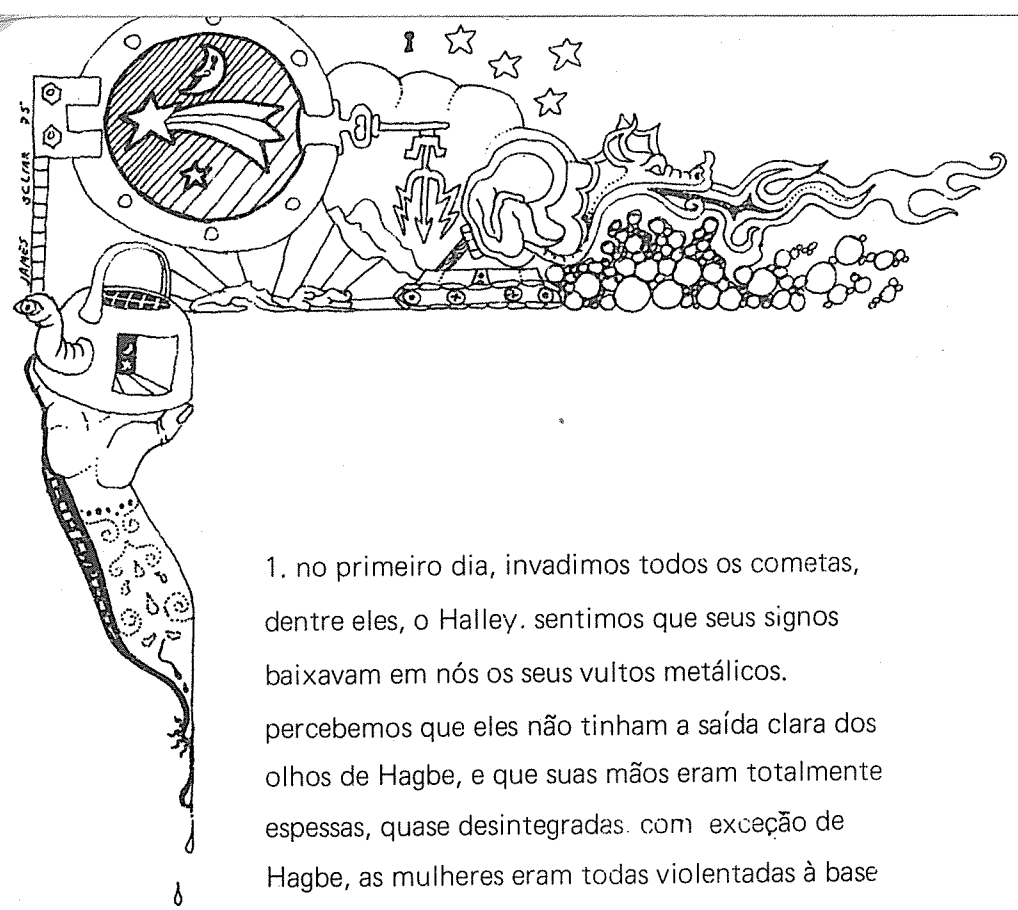
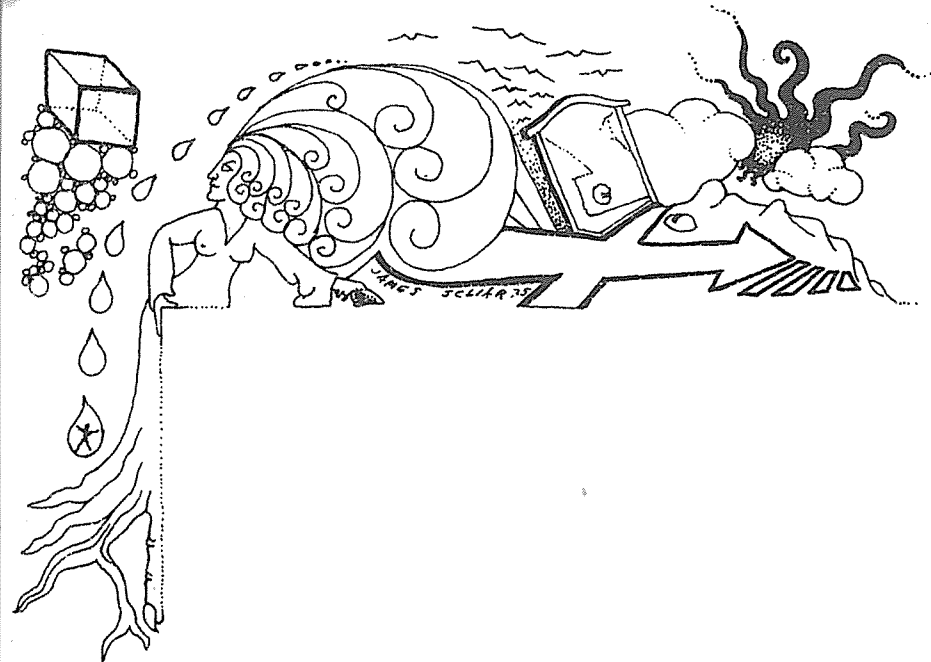
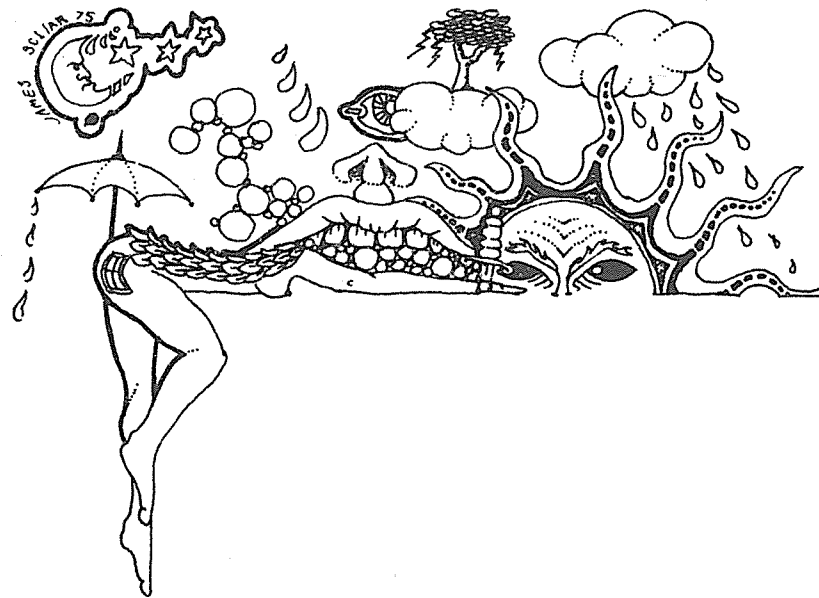
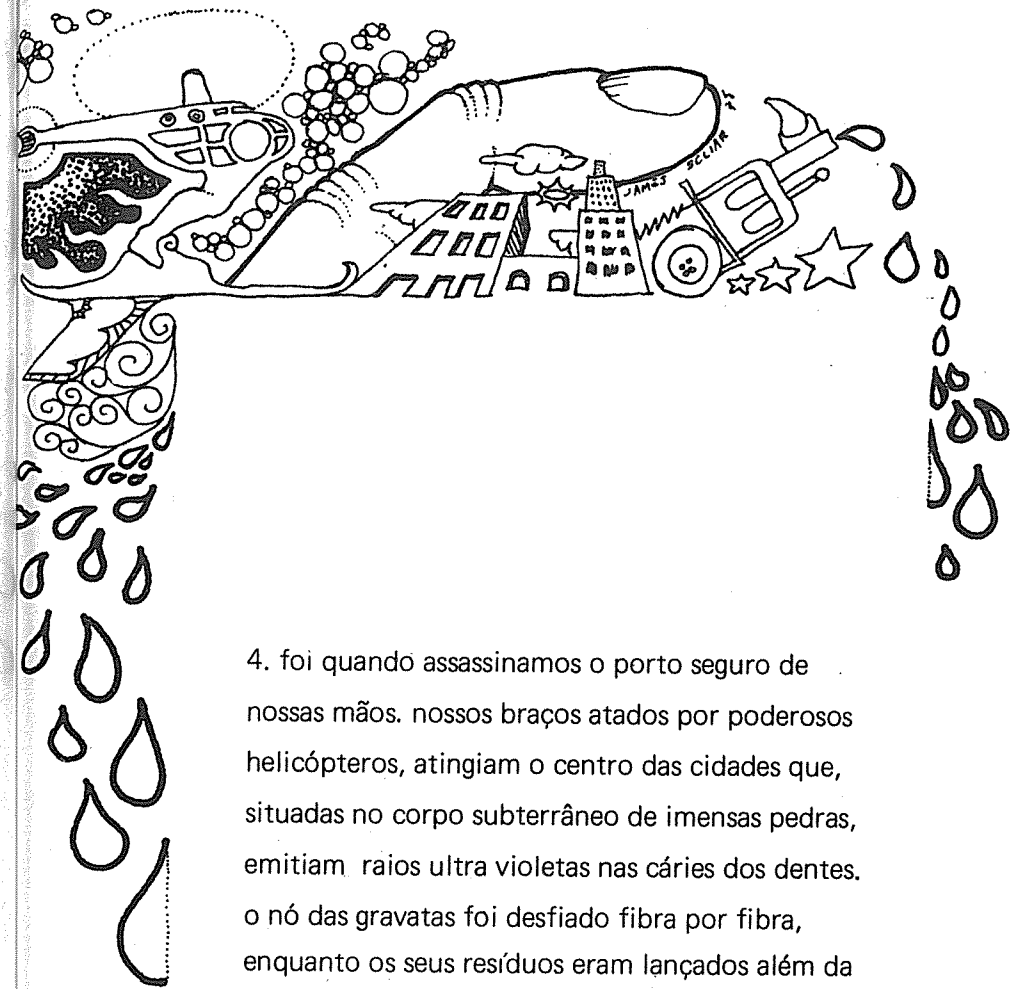
LIVRO DE HAGBE

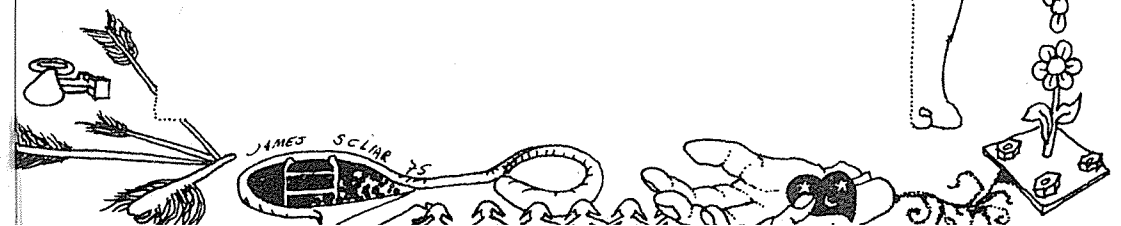
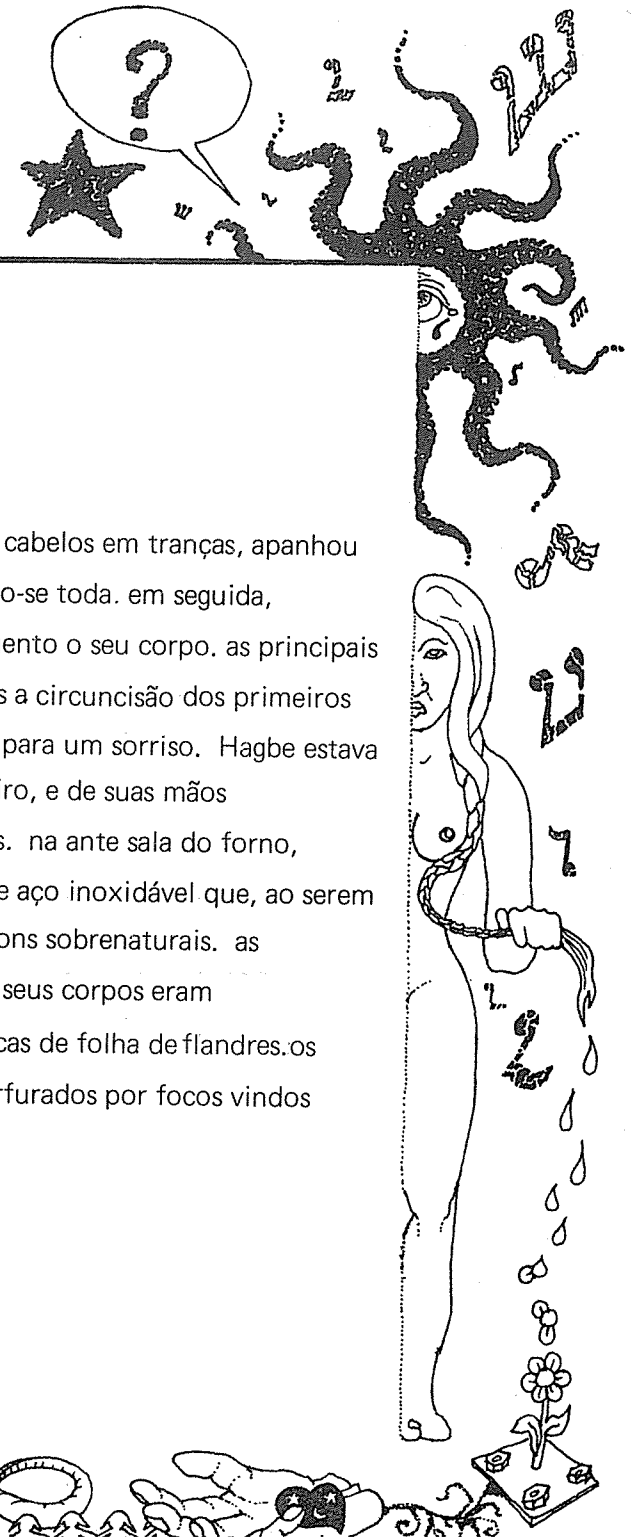
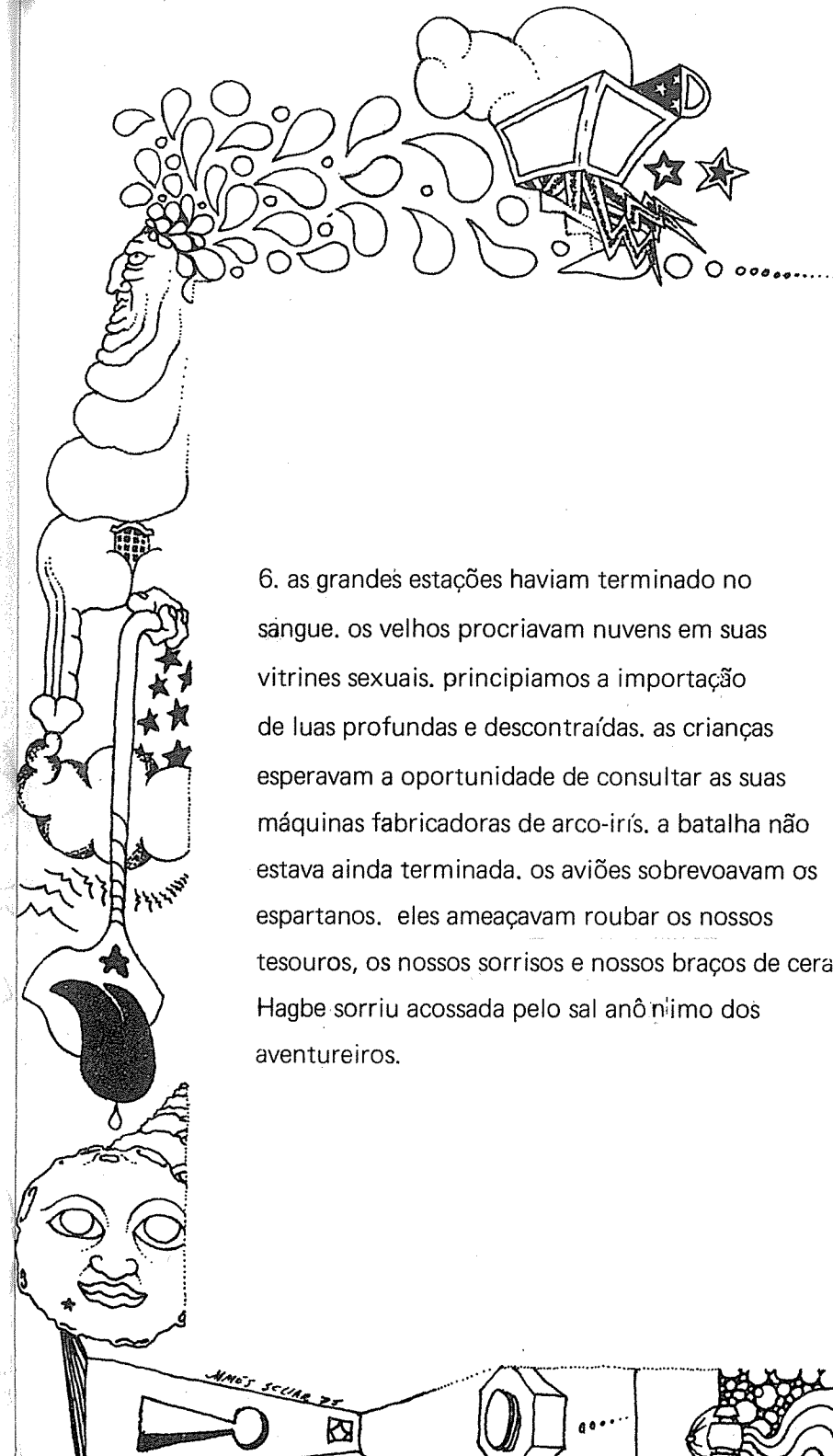
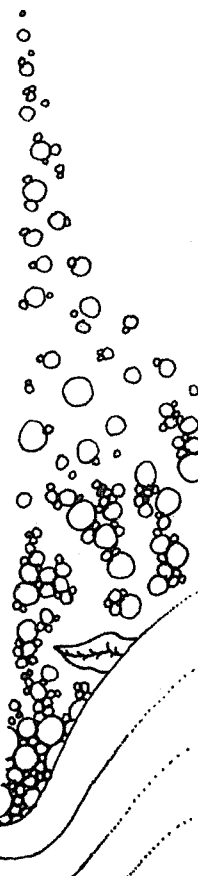
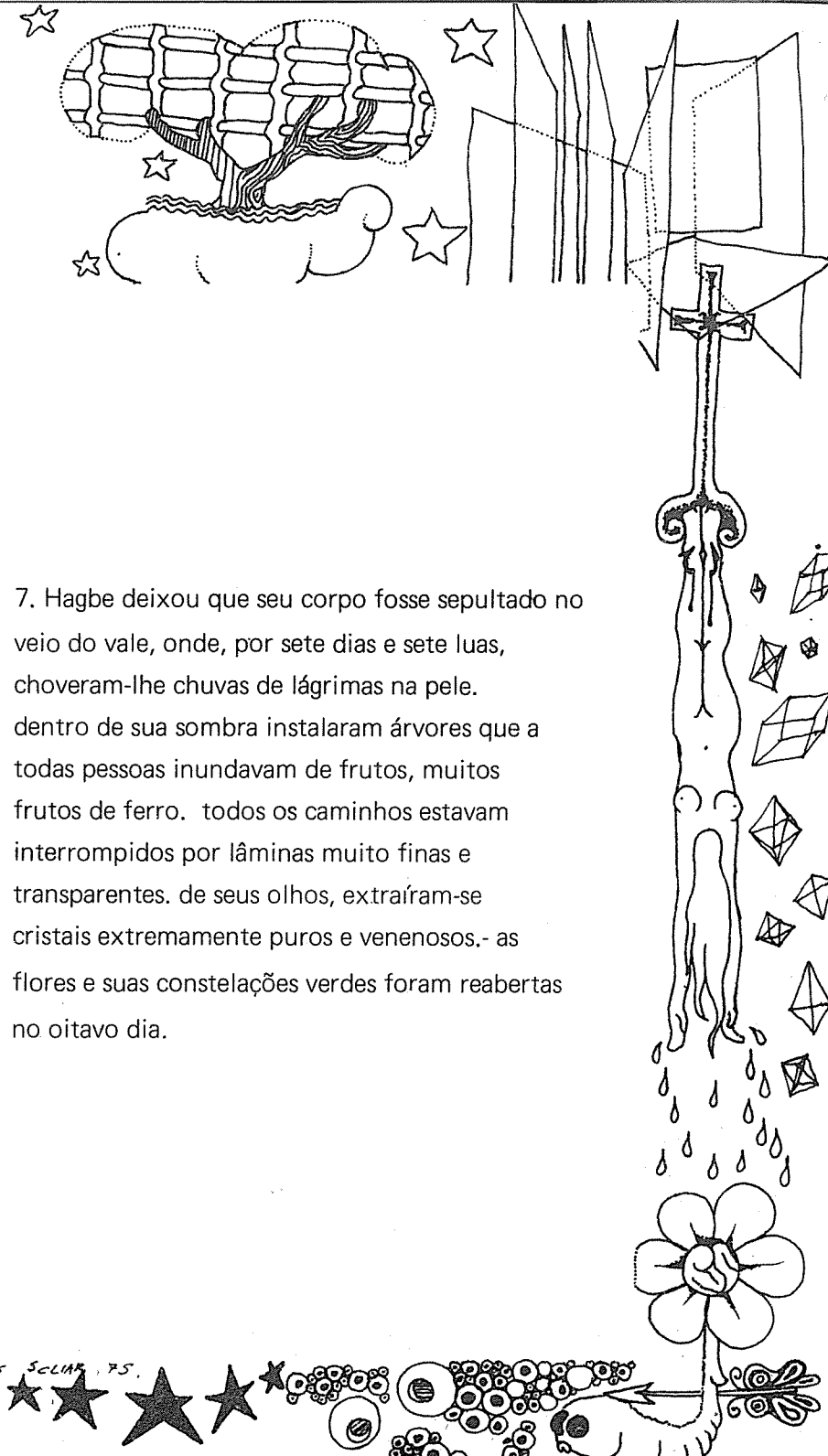
desnascer o corpo que Hagbe jurou

possuir na lavratura da pedra, es-

calá-lo nos cipós das mágoas, do-

má-lo na insônia dos anjos, per-

dendo-o nas frustrações do erro.

1. no primeiro dia, invadimos todos os cometas, dentre eles, o Halley. sentimos que seus signos baixavam em nós os seus vultos metálicos. percebemos que eles não tinham a saída clara dos olhos de Hagbe, e que suas mãos eram totalmente espessas, quase desintegradas. com exceção de Hagbe, as mulheres eram todas violentadas à base de poderosas lanças envenenadas de sais ultra terrestres. ganhamos todas as guerras sob o uso do fogo implantado na sedimentação dos corpos dos filhos primogênitos. ninguém ultrapassava as fronteiras de nossos braços que, em visíveis tatuagens, ocultavam inúmeras escalas de frustrados sonhos.

2. armamos as nossas despedidas. colocamos espelhos nas encruzilhadas. polimos os cascos dos cavalos. a enchente geografava os ossos. Hagbe vestiu sua túnica de cânhamo, seguimos a estrada. ela sorria enquanto recenseava os seus mistérios.

3. seccionamos todos os rios, os corpos boiavam cobertos de escamas cultivadas no aquém das jaulas. julião, o apóstata, mastigava sorrisos amarelos e resinas do amanhecer. enfaixamos de nuvens as nossas mãos, usamos poderosas capas, cápsulas de gigantes. julião, o apóstata, estendeu sobre os convivas, as larvas e as espirais loiras dos cabelos de Hagbe.

4. foi quando assassinamos o porto seguro de nossas mãos. nossos braços atados por poderosos helicópteros, atingiam o centro das cidades que, situadas no corpo subterrâneo de imensas pedras, emitiam raios ultra violetas nas cáries dos dentes. o nó das gravatas foi desfiado fibra por fibra, enquanto os seus resíduos eram lançados além da neve nas calçadas, junto aos animais e seus cascos antiaéreos. o mar media em mechas os cabelos de Hagbe.

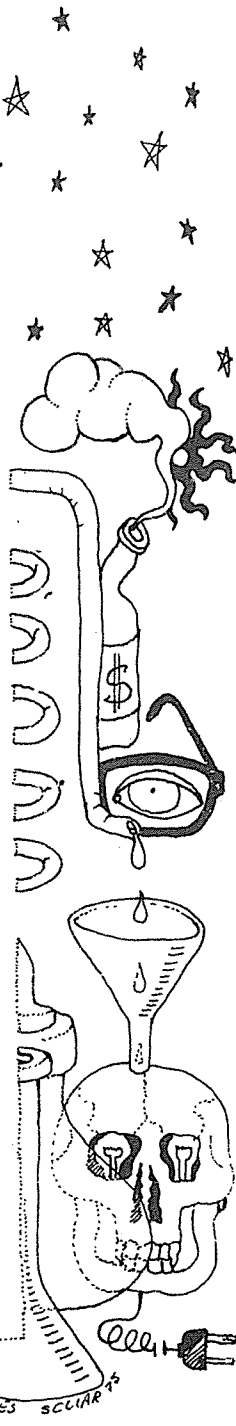
5. Hagbe amarrou os cabelos em tranças, apanhou água do rio, banhando-se toda. em seguida, envolvera-se em unguento o seu corpo. as principais reações surgiram após a circuncisão dos primeiros 90 dias, o necessário para um sorriso. Hagbe estava intacta de corpo inteiro, e de suas mãos desprendiam florestas. na ante sala do forno, colocaram-se flores de aço inoxidável que, ao serem tocadas, produziam sons sobrenaturais. as mulheres choravam e seus corpos eram transportados em macas de folha de flandres. os caminhos estavam perfurados por focos vindos diretamente do sol.

6. as grandes estações haviam terminado no sangue. os velhos procriavam nuvens em suas vitrines sexuais. principiamos a importação de luas profundas e descontraídas. as crianças esperavam a oportunidade de consultar as suas máquinas fabricadoras de arco-irís. a batalha não estava ainda terminada. os aviões sobrevoavam os espartanos. eles ameaçavam roubar os nossos tesouros, os nossos sorrisos e nossos braços de cera. Hagbe sorriu acossada pelo sal anônimo dos aventureiros.

7. Hagbe deixou que seu corpo fosse sepultado no veio do vale, onde, por sete dias e sete luas, choveram-lhe chuvas de lágrimas na pele. dentro de sua sombra instalaram árvores que a todas pessoas inundavam de frutos, muitos frutos de ferro. todos os caminhos estavam interrompidos por lâminas muito finas e transparentes. de seus olhos, extraíram-se cristais extremamente puros e venenosos.- as flores e suas constelações verdes foram reabertas no oitavo dia.

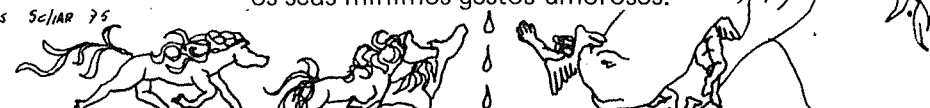
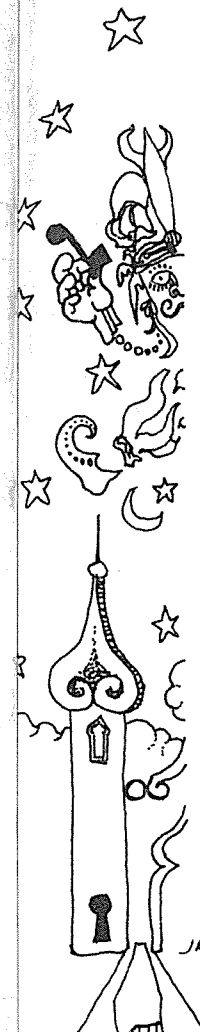
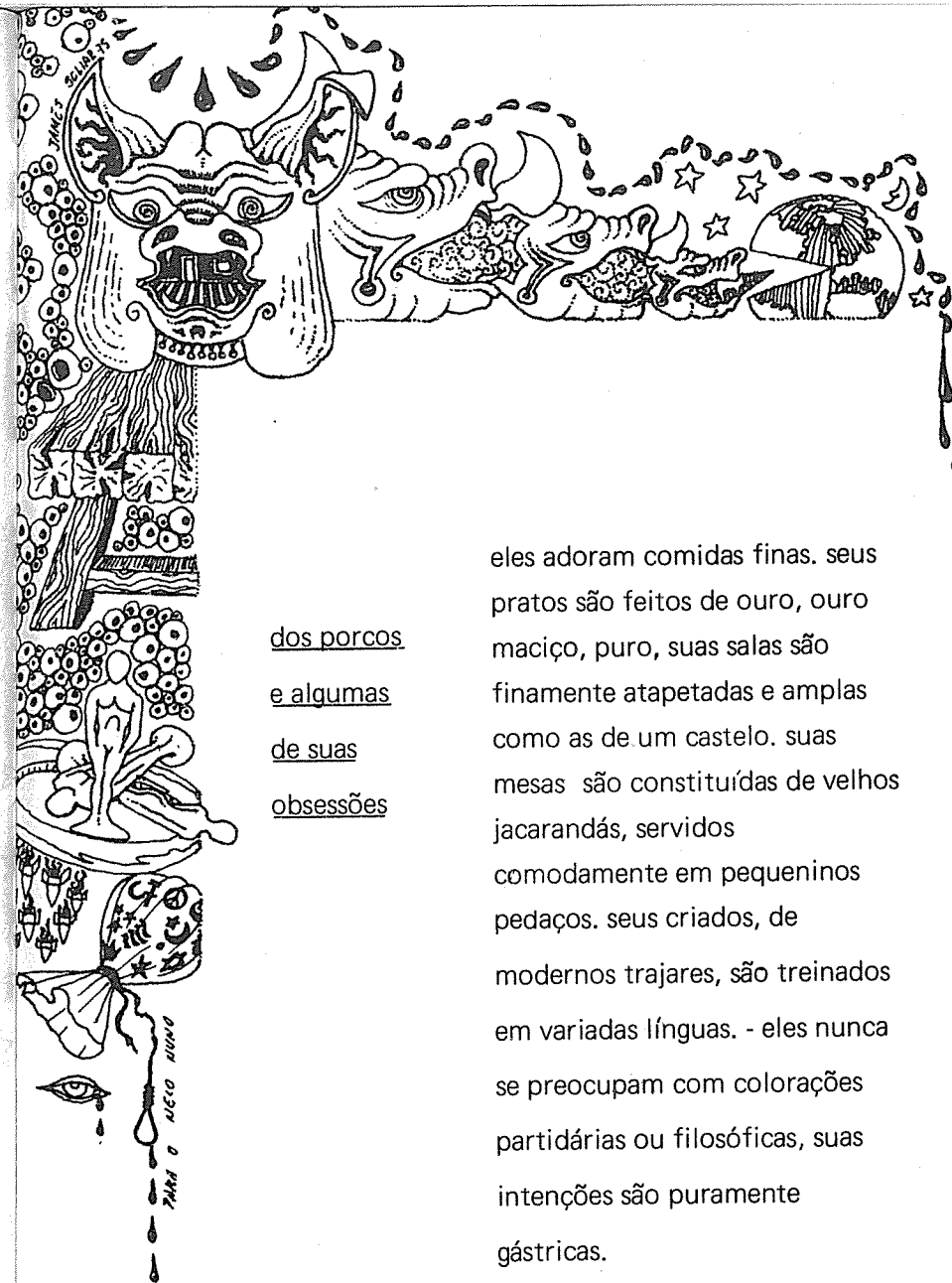
UNIDADE SEGUNDA

perspectivas

entre duas linhas

paralelas

exigimos que nos fossem apresentados os principais inventores, eles com suas mãos camufladas de vidro. subtraímos os maiores setores de resistência dos seus servos, sendo estes isolados das pessoas, por possuírem eles diversas deformações em seus corpos. os inventores eram daqueles que, munidos de árvores genealógicas, sustentavam o templo das perdas e dos haveres. - os servos não, eles eram eventualmente isentos de passaportes, de declarações de amor ou quaisquer outras isenções de suor no rosto. os inventores já nasceram previamente timbrados em seus costumes.

de algumas das manias de um rico mercador de memphis

o mercador possuía uma variada coleção de cavalos. esses cavalos foram todos adquiridos às mais duras penas.- uns, eram ainda procedência legítima do apocalipse. esses, por serem os mais antigos, eram alimentados por pequeninos corpos de anjos, os expulsos da terra. os cavalos mais novos, descendiam em linhagem direta, de velhíssimos reis da babilônia. esses eram tratados com suculentas sopas, extraídas dos resíduos dos complicados alfabetos das línguas extintas.- tais animais tiveram as suas raças destruídas pelas guerras. por isso, o mercador os preservava em luxuosos palácios dotados de acústicas especiais, capazes de guardar, sob registro os seus mínimos gestos amorosos.

dos porcos
e algumas
de suas
obsessões

eles adoram comidas finas. seus pratos são feitos de ouro, ouro maciço, puro, suas salas são finamente atapetadas e amplas como as de um castelo. suas mesas são constituídas de velhos jacarandás, servidos comodamente em pequeninos pedaços. seus criados, de modernos trajares, são treinados em variadas línguas. - eles nunca se preocupam com colorações partidárias ou filosóficas, suas intenções são puramente gástricas.

UNIDADE TERCEIRA

das cabeças nascem os cogumelos,

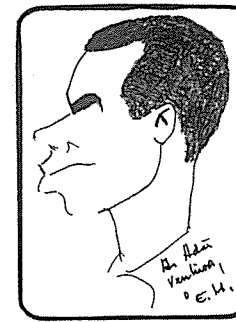
porque a palha é fosca e o eito

é árido, porque o estábulo é a

farsa, e a marca é o malho, por-

que escuro é o medo e espúria é

a pele, porque escuso é o encarte

entre o corpo e o chão.

Adão Ventura
por
Emilio Moura - 1968

Os primeiros textos deste livro, que foram escritos em Minas, por volta de 1970, deram a Adão Ventura o Prêmio Cidade de Belo Horizonte. Em 73 com sua ida para os Estados Unidos, onde foi ensinar Literatura Brasileira Contemporânea na The University of New Mexico, teve a oportunidade de reescrever quase todos os textos, acrescentando alguns novos.

Mais tarde, já como participante do Internacional Writing Program, um congresso de escritores do mundo inteiro organizado, anualmente, pela The University of Iowa, Adão recebeu um convite do professor Paul Engle, diretor do IWP, para editar o ABRIR-SE UM ABUTRE OU MESMO DEPOIS DE DEDUZIR DELE O AZUL, juntamente com MUSCULATURAS DO ARCO DO TRIUNFO.

As traduções já estão sendo feitas por John Timm, um poeta e professor de Literatura Hispanoamericana na The University of New Mexico. Esta edição brasileira está sendo realizada com a colaboração de Wladimir Luz/produção e diagramação, Affonso Romano de Sant' Anna/orelha, ilustrações internas de James Scliar. A capa ficou sob a responsabilidade de Sebastião Nunes.

signo cheio. Ele, o poeta, não está jogando com os vazios da página, com o espaço exterior, mas com um espaço interior com o inconsciente e todos os seus arquétipos. Esse tipo de poesia retoma o poeta enquanto vate no sentido lembrado por Huizinga: o possesso, aquele que bebeu o hidromel e se pôs a serviço de suas visões. É a escrita da liberação do homem, sua catarsis estética e existencial.

Não é (talvez) a poesia que eu faria, mas é aquela que o seu autor tem o direito de fazer e publicar dentro de um sentido que hoje em nossa realidade cultural se torna evidente: liberação do fazer poético, seja ele qual for, democratização da poesia, fazendo com que ela não seja apenas um exercício de elites pervetidas em mil e uma teorizações sofisticadas (e inúteis).

A poesia de Adão Ventura deve ser lida (e permitida) depois daquele represamento ou daquela "prisão de ventre" em que andou a poesia nacional nos últimos vinte anos. Essa liberação marcada já pela Expoesia (PUC/RJ-73), Expoesia 3 (Friburgo-74) e pelo Jornal da Poesia, editado em 1973 dentro do "Jornal do Brasil" e do qual Adão Ventura participou, parece ser o traço inicial da poesia que entre nós se faz após aquilo que Lucciana del Picchio chamou de "diáspora das vanguardas."

Se essa poesia é melhor ou pior do que a anterior já não importa, porque o critério de valor, o sabemos hoje, é ideológico. Importa assinalar que ingressamos num outro período e que se nota uma diferença entre o que se fazia ontem e o que se começa a fazer agora. Os donos das sesmarias (poéticas) perdem o controle de suas posses e vai se abrindo um espaço para que os jovens assumam o seu caminho, qualquer que ele, seja, optando por qualquer tipo de pesquisa na linguagem ou até mesmo por pesquisa nenhuma.

Affonso Romano de Sant'Anna.